The background of the cover is an abstract artwork by Takashi Hukusima. It features a complex composition of overlapping, semi-transparent geometric shapes, primarily circles and polygons, in a palette of muted colors including grey, white, beige, and black. Interspersed among these shapes are vibrant, saturated colors like red, orange, yellow, blue, and purple. Thin, dark lines and small, scattered dots are also visible, adding to the intricate texture of the piece.

LIVRE DOCÊNCIA

Imagem de uma Linguagem II

TAKASHI HUKUSIMA

FAU USP 2019

LIVRE DOCÊNCIA

Imagem de uma Linguagem II

Takashi Hukusima

(Takashi Fukushima em ref. bibliográficas*)

*O meu pai tinha o nome Hukusima grafado no passaporte, quando imigrou para o Brasil em 1940. A utilização do nome Fukushima nas referências bibliográficas decorre da transformação ortográfica que ocorreu no Japão após os anos 50, e ele adotou Fukushima, como eu, como nome artístico.

Resumo

Neste trabalho apresento um conjunto de obras de minha pesquisa pictórica de imagens dos últimos cinquenta anos. São estudos, gravuras, desenhos e pinturas que continuam o repertório imaginário que como artista plástico, exponho meu pensamento e imaginação no processo do trabalho. São trabalhos desde minha juventude nos anos 60, que se traduzem em imagens, e assim elaborei a minha tese de doutorado, *IMAGEM DE UMA LINGUAGEM*, e proponho a partir dessas imagens a tese para a Livre Docência onde proponho integrar minha experiência artística com as atividades de ensino e extensão na FAUUSP.

Abstract

In this work I present a set of works of my pictorial research of images of the last fifty years. They are studies, engravings, drawings and paintings that continue the entire imaginary repertoire that as a plastic artist, I expose all my thinking and imagination in the work process. These are works from my youth in the 60s, which translate into images, and thus I elaborated my doctoral thesis, *IMAGE OF A LANGUAGE*, and I propose from these images the thesis for Livre Docência, where I propose to integrate my artistic experience with the activities of teaching and extension at FAUUSP..

INDICE

Imagem/Linguagem.....	6
Trabalhos dos anos 1960.....	8
Trabalhos dos anos 1970.....	20
Trabalhos dos anos 1980.....	46
As Series.....	80
Casa Vogue.....	80
Cidade/Campo.....	88
Fundo do Mar.....	96
Céus e Terras.....	104
Tempos Flutuantes.....	108
Sinais do Tempo.....	122
Pintura do Universo.....	136
Luz e Sombra.....	150
Reflexões/Desenhos	166
Currículo.....	174
Bibliografia.....	180

Imagem-Linguagem

Essa tese da Livre Docência, apresento como uma extensão da tese **Imagem de uma Linguagem**. Arte no Ensino da Arquitetura no Desenvolvimento da Percepção e Aprender Através das Imagens, apresentada em 2005 como tese de doutorado para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Tem como principal motivação, tornar toda a minha experiência estética no campo artístico, um caminho que possa trazer reflexões sobre essa linguagem permeada com imagens, pois, várias interpretações a respeito do significado de imagem podem ser analisadas no sentido semântico ou mesmo através da semiologia. Mas esta tese, apesar de ter como tema a linguagem das imagens, não priorizará a semiótica e sua simbologia. Será focado no aprendizado e consequentemente no ensino desta matéria que será analisada visando um entendimento de suas funções, procedimentos e experiências vivenciadas nos anos de magistério e no contínuo trabalho de criação artística. A partir dessas experiências gostaria de sugerir, como uma contribuição à área, um encaminhamento na metodologia de ensino de desenho especialmente dentro do ensino da arquitetura e design que julgo fundamental no aprendizado dessa matéria ligada à prática, mas não necessariamente no campo da representação das imagens. Não tenho a intenção de propor grandes alterações nos programas de ensino, mas tecer considerações que provoquem reflexões quanto aos programas estabelecidos tanto nas proposições quanto na forma de aferição e avaliação.

Paisagens Imaginárias/anos 1960

TRABALHOS DOS ANOS 1960

Desenhos Livres/ Paisagens imaginarias/anos 1960

Os trabalhos aqui relacionados compõe minha trajetória de pesquisa, representada pelas exposições individuais, comentadas nas apresentações de críticos de arte, filósofos e jornalistas, que incluo, para que elas possam complementar a apreciação das obras.

Desenhos Livres/ Paisagens imaginarias/anos 1960

Estes desenhos foram retirados de dezenas de cadernos dos anos 1960 a partir da prospecção desde o ginásio, época que não tinha nenhuma consciência do que significava estes traços a não ser uma representação até meus mais recentes estudos. Traço um painel deste trabalho, onde transponho uma idéia que possibilite utilizá-los em obras finais, sejam como uma pintura ou design, um mural ou um cenário, por exemplo. Desses procedimentos elaboro um plano de aula que possa solicitar aos alunos que não tem nenhuma experiencia com a linguagem do desenho.

Desenhos Livres/anos 1960

Desenhos Livres/ Paisagens imaginarias/anos 1960

Desenhos Livres/ Paisagens imaginarias/anos 1960

Paisagens Imaginarias/anos 1970

Desenhos Livres/anos 1970

TRABALHOS DOS ANOS 1970

Os desenhos da série Paisagens do anos 1970, têm relações com as aulas do Curso Universitário onde estudei para o vestibular e tive contato com os professores Antonio Benetazzo, Carlos Fajardo e Luis A. Baravelli, quando este último convidou-me a frequentar seu ateliê junto a uma turma que seria uma experiência anterior a Escola de Arte BRASIL:, que teria influenciado toda uma geração de artistas nesta época. São professores que de alguma forma influíram na minha formação como artista e futuramente na atividade didática.

Pastel-aquarela/ Paisagens imaginarias/anos 1970

Pastel-aquarela/ Paisagens imaginarias/anos 1960

"A percepção da paisagem, a mudança do lugar, o percurso do homem como o movimento do destino. "Sendas de Oku" é um dos clássicos da literatura mundial e o seu autor, Matsuo Bashô é um poeta, mestre zen-budista errante, que influenciou profundamente a literatura do seu país, o Japão, e o modo ocidental de conceber a arte. De todos os poetas que afirmaram a poesia Hai Kai este é o mais conhecido. A percepção da paisagem, a mudança do lugar, o percurso do homem como o movimento do destino. "Sendas de Oku" é um dos clássicos da literatura mundial e o seu autor, Matsuo Bashô é um poeta, mestre zen-budista errante, que influenciou profundamente a literatura do seu país, o Japão, e o modo ocidental de conceber a arte. De todos os poetas que afirmaram a poesia Hai Kai este é o mais conhecido."(Jacob.Klintonitz)*

Pastel-aquarela/ Paisagens imaginarias/anos 1970

Desenhos Livres/ anos 1970

Desde a primeira mostra individual em 1971, quando entrei para a FAU, meus trabalhos sempre tiveram influencia nos exercícios praticados nos ateliers, sob o atento olhar da professora Elide Monzéglio.

Segundo Olívio Tavares de Araújo, que noticiou minha primeira exposição na Galeria Opus, numa matéria na Revista Veja, em 1971:

No caso de Takashi Fukushima, sobre cuja primeira exposição individual escrevi ...Todas as mostras e fases de Takashi ate hoje conservaram, por exemplo, a mesma ambigüidade deliberada entre figuração e gesto caligráfico abstrato...

Obra na 1a individual na Galeria Opus/1971 ost 80x60cm

Desenhos Livres/anos 1970

Stone 1979 carve s/sulfite

Desenhos Livres/estudo p/joias/anos 1970

"Takashi Fukushima, nascido no Brasil, nissei, primeira geração, tem a vivência tradicional do artista brasileiro de sua geração e percorreu o seu caminho em direção à maturidade artística influenciado pelos movimentos internacionais da arte, pela sensibilidade brasileira para a modernidade, mas, no seu caso, também marcado pela cultura japonesa, não só por convívio familiar, mas igualmente por uma procura consciente de suas raízes, com estudo e vivência do Japão tradicional e no Japão atual. Neste sentido, nesta busca dos elementos de sua identidade, Takashi Fukushima encontrou três vertentes."(Jacob.Klintowitz*

O prof. Antonio Benetazzo, tratando do assunto Desenho Artístico, disse:

“as primeiras dificuldades surgiriam no momento em que tentássemos conceituar o que vem a ser “Artístico” ...Considerar como sendo um problema de Comunicação Visual”.

Sempre incentivava os alunos a serem livres e criativos nos desenhos que eram solicitados com temas, muitas vezes extraídos de textos literários e poemas. Proposições que incluo nas disciplinas que atualmente leciono.

Mas para mim, continuavam sendo obscuras essas conceituações. Meu aprendizado até o momento tinha como referência o lado prático do desenho, pelas minhas observações da atividade de meu pai e de seus amigos, e artistas, como tinham o japonês como língua principal, não entendia as conceituações discutidas. Eram somente intuições. Mas o Benetazzo continuava “...uma parte que é desenho de observação e uma outra que é conhecida como sendo “composição”, isto é, um ou mais trabalhos gráficos, ou espaciais de tema proposto ou livre. No desenho de observação a resposta ao proposto é, de certa maneira, simples de estabelecer”.

Desenhos Livres/anos 1970

Desenho Livre/Estudos/anos 1970

Desenho Livre/paisagen/anos 1970

Desenho Livre/Montanhas/anos 1970

Desenhos Livres/estudos p/joias/anos 1970

Paisagens Imaginarias. Carvão s/cadernoA4

TRABALHOS DOS ANOS 1980.

Transmissão 1980 carvão s/caderno A4

Transmissão 1980 carvão s/ caderno A4

Em 1987 fui convidado pelo Grupo de Teatro Ponkã, para fazer a concepção visual da peça **Pássaros do Poente**, baseada no conto japonês Yuzuru sobre uma garça que tece um manto sagrado. Esta peça recebeu neste ano, varias prêmios pela crítica teatral inclusive o Prêmio Molière pela cenografia por mim projetada.

Cenografia de Pássaros do Poente no Teatro Ruth Escobar em 1988

Exposição "**Paisages**" no Espace Latino American, em Paris.

O **Prêmio Molière** dava direito a uma viagem a Paris,

prêmio que aproveitei para realizar esta exposição.

Natureza Urbanas 1988 tem.mista s/cartão 60x90cm (ambas)

São essas obras produzidas em técnicas mistas sobre cartão.

Natureza Urbanas 1988 tem.mista s/cartão 60x90cm (ambas)

Natureza Urbanas 1988 tem.mista s/cartão 60x90cm (ambas)

Paisagem 1988 carvão s/ cartão 60x90cm

Natureza Urbana 1988 tec. Mista s/ cartão 60x80cm

Nos anos 1980, produzi também, vários trabalhos gráficos para as editoras Brasiliense, como as capas dos livros do Kafka, e para a Companhia de Letras as capas de Amos Oz e Naipal entre outros.

Estudo para capa do livro O Processo de Kafka

Estudos para capas de livros de Kafka

Capas para Editora Brasiliense

KAFKA

A METAMORFOSE

editora brasiliense

TRADUÇÃO DE
MODESTO CARONE
PELA PRIMEIRA VEZ
DO ORIGINAL EM
ALEMÃO

Capas para Companhia das Letras

Amós Oz **Meu Michel**

Capas para Editora Brasiliense

Capas para Companhia das Letras

Capa Companhia das Letras

Capas para Editora Brasiliense

SHIZEN**Exposição solo na Galeria Bonfiglioli, SP, 1982**

Nesta serie que chamei de Shizen, que significa natureza em japonês, procurei trabalhar os enquadramentos de uma forma natural. Deixei algumas obras inacabadas, expostas ao sereno de madrugada e assim borradas, para aprecia-las de manhã e concluir a pintura.

O Caminho escolhido pela Natureza para encontrar uma solução é o mais simples, sábio, mais racional. Porém, não ha necessariamente uma explicação. O Racional não provem exclusivamente da Razão. Tento imitar a Natureza.

Jardim para Yo(políptico) 1982 ast 180x240cm

No plano de aula do 3 semestre, proponho varias exercícius que utilizem somente as cores primarias e suas relações. Introdução das técnicas da cor na representação gráfica como forma de expressão a mão livre. Possibilitar aos alunos uma ampliação de seu campo de representação e expressão das suas ideias no processo criativo da arquitetura e do urbanismo. Noções preliminares da Teoria da Cor. Cores primárias, secundárias e terciárias. Tonalidades, saturação e luminosidade.

Exercicio Cor 1992 pastels/caderno A4

Rio 1990 Aquarela /canson 20x30cm

AS SERIES

Os trabalhos apresentados nessas **Series**, são baseadas em exposições com **apresentações** de críticos de arte, que julgo serem importantes para situar as obras nos caminhos percorridos pelos artistas. Atividade de criação artística é solitária, as palavras de profissionais do texto, como críticos de arte, trazem orientações nesses caminhos.

Este texto do jornalista e crítico de arte Daniel Más, publicado na revista Casa Vogue Brasil em Março de 1983, foi produzida através de uma entrevista feita sobre uma exposição realizada no MASP - Museu de Arte de São Paulo. Foi uma exposição coletiva com vários artistas da minha geração.

Serie: CASA VOGUE

Texto Selecionado do artigo: AS PAREDES DE CASA VOGUE

Daniel Más - março-abril, 1.983

Casa Vogue Brasil.

Transcrevo o seu texto que se inicia com o título:

Takashi Fukushima, o homem-paisagem.

A pintura como extensão do pensamento — é o princípio do nissei Takashi, um dos jovens artistas de maior sucesso, prêmios, crítica e mercado de São Paulo.

Takashi Fukushima talvez seja um dos filhos mais inspirados da turma do compasso & régua das artes plásticas paulista. Nissei de corpo e alma (de cara, então!) foi premiado duplamente pelo destino — que tem muito a ver com a cabeça nipônica: é filho d um dos mestres da nossa pintura japonesa, Fukushima (Tikashi), e quando começou a pintar, ainda “broto de bambu” foi logo adotado por essa peculiar capacidade de enlouquecer que a crítica especializada tem de vez quando por alguém. Desde que começou em 69 (nasceu em 50, portanto está com 33 anos) ganhou todos os prêmios, elogios e ovações. Hoje, com esses 33, continua sendo o mais premiado e com um trabalho dos mais sensíveis e sem muito rolo. Falei em destino, porque mesmo que ele se diga “muito ocidental”, se se pode compreender por isso “paulista”, ele tem uma postura muito Zen, badala pouco, não sai, não segue modas e ele mesmo diz que “os destinos é que definem sozinhas suas coisas...”

Vale das indecisões, 1983 ast 110x160cm

Como já disse (compasso & régua) ele é um dos filhos da FAU. Não é que tenha feito arquitetura para chegar à pintura. Antes de se formar já tinha optado em ser pintor e até se casou (hoje tem um casal de crianças), mas como seu pai não pegou o boomboom das artes plásticas de hoje (sobrevivia vendendo molduras), sua mãe queria que ele fosse algo mais concreto, como engenheiro. O mais perto que ele escolheu para não contrariar nem a mãe nem a ele próprio foi arquitetura. Que alias usa muito bem no seu paisagismo – sempre. Ou paisagem. É a base de toda sua pintura. Não tentando copiá-la, mas discutindo a paisagem através da sua formação universitária. O que também nunca impediu que exercesse a função de arquiteto: “Só na parte de projeto, acompanhar obra é muito sacrificado e fica por conta do meu sócio”. Ao contrario de outros filhos de gênio, ele sempre atuou numa total independência do pai. O que não acontece, como por exemplo, com a prole Mabe, que ou pintam igual o pai, ou quando saem da linha não dá nem para bordar comentários. Eu diria até que uma independência um tanto exagerada. Fukushima pai nunca fez comentário algum sobre o trabalho de Fukushima filho, nem mesmo lhe deu um quadro sequer. Se Fukushima filho tem Fukushima pai é porque comprou de terceiros. É como seu pai diz: “Afim de contas, quando eu morrer meus quadros serão todos seus.”

Como também Fukushima pai nunca deu aula ou ensinou nada ao seu irrequieto nissei. Mas o irrequieto e atento Fukushima Filho, vez ou outra, sim, sempre à espreita, vai aproveitando uma ou outra “deixa”. Talvez por uma característica muito precisa do pai como artista: “Ele não é mesmo um teórico. Ele pinta por sentimento”. Quando Fukushima pai vê um trabalho “fora da compreensão”, diz apenas: “Um pouco moderno”. E quando ia participar de alguma Bienal comentava: “Crítico é sempre um pouco moderno...” . Daí pintava abstratos.

Takashi gosta da turma do compasso & régua, são colegas e amigos (só no seu atelier deve ter uns cinco Trabalhos de Newton Mesquita – japonês filho de japonês também tem exageros), pensa que no fundo “não freqüento”. E diz: “eu gosto de farra... mas é isso, é farra. E eu prefiro estar com minha mulher, meus filhos. Deve ser um estado de espírito.” Não sai muito à noite apesar de ter insônia, o que resolve melhor vendo filme na televisão, que gosta muito, até os filmes publicitários. Ele considera publicidade uma arte de vanguarda, ele mastiga rapidamente, repetindo “eles são muito sutis, muito sutis... às vezes eu gravo e vejo de novo, em slow-motion, e tem os sons, subliminares, perfeitos são artistas completos...”. Que é um assunto que já surgiu no início (omissão?) de um trabalho seu como participação política etc., quando ele disse que tudo isso é besteira e vaidade. Na verdade esse tipo de “participação” ‘o exagero do artista querendo chamar a atenção, comunicar-se com a massa, a população. Prefere deixar isso para os profissionais, os publicitários, que o fazem muito melhor (como é o caso da Pop Art & decorrências). Prefere sua inspiração de pintor mesmo. É uma necessidade que o artista arrisca de vez em quando querendo chamar a atenção, agitar, quando para ele artista é uma posição de isolamento, desligamento. “Na verdade todo pintor americano moderno tem publicidade no curriculum, aqui é mais enrustido, o que é uma bobagem”. A arte do publicitário é mais comunitária, poesia ou não, é questão à parte. Mas eles conseguem envolver mais gente que qualquer um com pintura. “Pintura é muito intimista, exclusiva e individual. Às vezes vem um amigo me ver pintar, acho que não atrapalha, mas no fundo atrapalha sim, porque de nada me vale um palpite seu num trabalho que é meu. Depois de pronto é outra conversa, posso aproveitar os comentários no que vou passar a fazer, mas no que estou fazendo não”.

Paisagem S/T 1982 ast 100x100cm

Ri muito e solto, descontraído: “É como as pessoas que perguntam sobre o seu trabalho: qual dos dois quadros você gosta mais? Eu nunca digo o que eu gosto. Sempre indico o filho mais feio. Mas insistem : qual é que você acha melhor? E eles não entendem, que ora, claro, de repente para mim o melhor é o maior...” Ri de novo: Temos uma formação consumista.... ou não temos?” Sempre que faz virgula fala de cinema. O ultimo filme que o impressionou foi Blade Runner: “chovia dentro do cinema, fazia um calor danado, mas eu não conseguia sair. É lindo, bem resolvido visualmente. Mas a historia é fraca...”. E mostra provas de litografias que começou a fazer este ano “mais dura”, comenta alegando a influencia do filme nas gravuras que irá expor na Cristal, pizzaria filial de Paulinho Figueiredo. “Aqui puxo mais o ocidental, aqui para o oriental...”, não pára muito de falar: “Aqui uns dados do concretismo”. Diz que gosta dos impressionistas. Se tem influencia de alguma escola é deles mesmo. “Talvez porque os impressionistas foram muito influenciados pela pintura japonesa. Veja o Gauguin, que era um péssimo desenhista – mas como usava as cores! Tons bem japoneses...”.

Paisagem aquarela

Serie: Iniciação Científica

Esta serie foi executada com grupos de alunos inscritos no Programa de Iniciação científica da Faculdade de Belas Artes, do agora denominado Centro Universitário, visa desenvolver a percepção voltada à paisagem da cidade nos seus detalhes advindos da arte, nos encontros proporcionados pela Arte e pela Arquitetura.

A proposta era de caminhar por algumas regiões de S.Paulo, observar e desenhar vistas e detalhes em loco. Esses desenhos melhoram a percepção dos ambientes observados.

Detalhe Cinemateca

Fachada Cinemateca

Esse desenvolvimento está focado na prática do desenho e o uso da fotografia, aliada com os levantamentos obtidos através das pesquisas. Esta pesquisa concentrou-se no bairro Paraíso. Este bairro agrega em seus arredores muito de nossa história passada e recente.

Conjunto Nacional, vista interna

Como na Av.Paulista dos antigos barões do café, e a concentração atual de diversos Centros Culturais, traz muitos exemplos da arquitetura contemporânea. O bairro da Vila Mariana com o recente incremento das atividades culturais, com suas faculdades e mais recentemente com as produtoras de cinema e o Ibirapuera com suas Bienais e seus Museus, favorece esses levantamentos, pesquisando a paisagem e arquitetura da região desde o início do século XX através das fotos e desenhos, ate as mudanças ocorridas atualmente.

MASP. Aquarela

Auditorio Ibirapuera, desenho a carvão

Serie: Cidade - Campo
Exposição solo na Galeria Bonfiglioli, SP, 1985

Texto do catalogo por mim escrito.

O que há por trás e abaixo deste dualismo. Ácida cidade/Campo minado. Atmosfera da Cidade poluída, o Campo corroído são personagens incidentais deste clima incoerente da vitória do homem sobre a natureza. Não contesto, constato. Pinto quando e o que vivo.

Baldio/Paisagem 1985 ast 114x146cm(ambas)

Obras da serie Cidade-Campo. 1985

Serie: PASSEIO PELO FUNDO DO MAR DE SI MESMO

Exposição solo na Galeria Montessanti-Roeasler
com apresentação do crítico Olívio Tavares de Araújo, maio de 1992

Ao mesmo tempo em nunca é simplesmente linear — todos o sabemos -, o processo de criação nunca escapa a uma determinada organicidade, seja por analogias e seqüências, ou por oposições e retomadas, tudo circunscrito num sistema cujo contorno é perfeitamente inteligível. (O mistério da criação, um topos que tanto me fascina, é outra coisa. Tem a ver com as motivações insondáveis do artista, com a mecânica na qual o milagre da forma propriamente dita se concretiza, e com a universidade e transcendência que a obra adquire).

Serie Passeio pelo Fundo do Mar de Si mesmo

Alghae 1992

Longe de ser imprecisão ou indecisão, essa ambigüidade sempre me pareceu a saída natural para um artista de uma geração que redescobriu a figura, após a pop art, mas em cuja formação individual pesou uma espécie de ancestralidade inescapável. Takashi devia ter uns 10 ou 11 anos quando seu pai, Tikashi Fukushima. Foi um dos detonadores da abstração informal no Brasil, dentro do grupo dos nipo-brasileiros, e ao lado de outros inventores-pioneiros, como o grande Iberê.

A evidente elegância de cada gesto de Takashi (observem-na ate na assinatura!) não é, pois, um preciosismo, um cacoete, sequer uma herança de ex-arquiteto; é a manifestação de um atavismo – se genético ou cultural, não muda o fato vindo de um povo capaz como poucos de pensar e organizar o espaço, nele inscrevendo a paisagem nítida de seus ideogramas. (Olivio Tavares de Araújo)

Díptico /Fundo do mar ast. 120x200cm

Serie: CÉUS E TERRAS

Nesta minha segunda exposição individual no Rio de Janeiro, tive contato com o crítico de arte do Jornal O Globo, que escreveu esta apresentação no catalogo da mostra e também uma matéria no jornal.

Exposição solo na Galeria Realidade, Rio, 1986

Texto de Apresentação de Frederico Moraes.

A sensibilidade japonesa tem sido desde épocas remotas, pela natureza. Nas muitas religiões, a contemplação e o respeito pela natureza ocupam lugares de destaque e se constituem em princípios vetores..... Na arte japonesa ha muito ceu e éouca terra. No kakemono, que tem uma estrutura vertical, lê-se primeiro o seu, depois as montanhas, e a vegetação e, finalmente a casa. Dentro dela, mas sempre atento ao espetáculo natural, aparece o homem em atitude meditativa.

Fertil. 1986 ast. 146x114cm

Takashi Fukushima, filho de Tikashi, não foge à regra. Na sua pintura desde o início de sua carreira, sempre houve muito meu, que as vezes se confunde com o branco da tela. A Natureza reina absoluta. Mas não se trata de uma natureza intocada, num paraíso inaugural. O artista vive em São Paulo, cujo céu nunca é azul.....Esta é a realidade que vemos, respiramos e cheiramos todos os dias, igual a muita outra que existem no mundo.(Frederico Moraes)

Terra dividida 1986 ast 100x120cm

Das Ruínas 1986 ast 100x120cm

Serie: TEMPOS FLUTUANTES

Texto de apresentação:

Diretor da Pinacoteca de SP: Emanuel Araujo

Ao contemplarmos essas novas pinturas de Takashi Fukushima, suíte que ele denominou Tempos Flutuantes, é difícil não ver nelas uma alusão direta ao ukiyo-e – centenária técnica japonesa de gravura sobre madeira, material que ele próprio usa, muitas e muitas vezes, como suporte para a ação da sua pintura. As cores são utilizadas de modo a deixar transparecer a textura dos grandes veios da madeira aglomerada, que ele simplesmente corta através de goivas ou formões. Outras vezes os pretos ganham um ar solene e grave, imaculados por esses fios brancos tirados do preto à maneira da gravura.

Como um artista contemporâneo, seu discurso está vinculado ao daqueles que unem o conceito à sua expressão propriamente plástica. Por ele perpassa uma espécie de unidade metafísica do tempo, união da ação do passado e do presente, acúmulo de referências da história que aqui e ali emergem como citação, mas referendadas por um tempo que se nega a si próprio, tempo de um presente contido no passado para determinar o futuro de uma linguagem aprendida e outra vivida. Pois se o tempo serve como suporte à discussão takashiana, é na busca de um tempo ancestral que reside sua mais densa procura.

Baoba 1998. Tmsm 220x160cm

De fato, ao retomar a atitude plástica do ukiyo-e, ele busca com absoluta intensidade seu vínculo com o passado como raiz, como um elo perdido e reencontrado por quem, na diáspora, dele necessita para confrontar seu próprio universo interior com outros mitos do mundo em que vive, e que também lhe pertencem. ukiyo-e significa “espelho do mundo transitório”. O mesmo se poderia dizer desse universo estético de Takashi, onde diferentes referências culturais se entrelaçam em moto contínuo para só afirmar sua importância.

E eis então que é essa dança entre culturas o que tende a permanecer, como que aturdindo seus sentidos, permitindo-nos entender uma sensualidade tropical e barroca que impulsiona essas novas pinturas de Takashi e, ao mesmo tempo, seu convívio com a disciplina minimalista que resume num traço, num corte, todo um mundo de sentidos. Este conjunto de obras constitui uma nova série tátil, dócil ao chamado das curvas, das formas redondas, buliçosas, impregnadas pela sedução da madeira que o artista sempre deixa emergir em toda a força da taxionomia da natureza. Mas então, num gesto quase masoquista, ele corta, risca, burila, como num frenesi de rajadas de luzes.....

Sinais dos Tempos(Capitel) 1998 ast. 210x135cm

Entre a sedução barroca e um imaginário oriental traduzido no domínio do ofício que lhe dá legitimidade, celebra-se em comum a glória do impermanente. Nisso Takashi é verdadeiramente um artista conceitual. Mas acrescenta ao jogo de sua arte um outro tempo, a história do próprio tempo e o tempo de sua própria história. Esplendor do transitório e do efêmero, tempos flutuantes. (Emanoel Araújo, setembro de 1999)

Odeon. 1998. Tmsm. 116x210cm

Tres Graças(diptico) 1998 tmsm 160x220cm

Bizon1998. TMSM 110X160cm

Essas gravuras (monotípias) foram produzidas em um workshop do Masterprinter Garner Tullis, no MAM em 1996, onde foram expostas junto a vários artistas convidados e posteriormente expostas na minha exposição individual na Pinacoteca de SP.

Sem Título(monotípia) 1996 Oleo sobre papel. 56x75cm

Sem Titulo(monotipia) 1996 Oleo sobre papel. 56x75cm

Serie: SINAIS DO TEMPO
Exposição na Valu Oria Galeria SP 2002

Texto de apresentação George Barcat Professor da Associação Palas Athenas

Sinais do Tempo

Em nossa cultura o olho tem dez mil responsabilidades. Tem de ser rigoroso, ágil, criativo. Há muita coisa para ver e antever; muita luz e movimento. Nossos olhos não vêem apenas o que está no espaço, também dão conta da velocidade e da mudança, Isto é, do tempo. Nós precisamos dos pintores mais do que supomos.

Na obra de Takashi Fukushima o tempo transcende a figura, transcende o fundo. Quase vira uma quantidade plástica, como o são as formas e as cores.

Esta fusão do tempo com os desenhos e os pigmentos, acontece no processo que o artista chama de arqueologia das imagens.

Kzar. 2002. ast. 180x140cm

Gravuras rupestres, edifícios de empresas transnacionais, desertos, ícones da cristandade, valores do zoroastrismo... nada é usado como simples citação. Fukushima respeita uma imagem e jamais a reduziria a mero exemplo ou estímulo. Sua arqueologia é uma experiência renovadora dos poderes que as imagens têm sobre cada um de nós.

As imagens vieram morar nessas telas por força de pós e algodões que transformaram o grafite, o óxido de ferro e o pigmento laranja em metáforas de nossos mitos e religiosidade.

Alem de metáforas pictóricas que deleitam, Sinais do Tempo oferece um envolvimento estético que supera as questões d gosto pessoal e os debates sobre os limites da arte abstrata.

Gothic. 2002. ast 210x140cm

Ensina o Olho a ver na Memória, o fluxo das eras, as marcas das paixões humanas, o poder ilusório e os rastros de dor que ele deixa.

O Olho verá torres, catedrais, esculturas e monumentos, cidades inteiras; verá ruínas cheias de vida e histórias. Afinal, só as ruínas sabem proteger, na alma do próprio tempo, tudo aquilo que é importante para a humanidade e seus deuses.

Por fim, não resisto a parafrasear o Merleau-Ponty de O Visível e o Invisível: “o Tempo é o que exige de nós criação para que dele tenhamos experiência”.(George Barcat, outubro de 2002.)

Monumento 2002. Ast 180x140cm

TE. 2002 ast. 140x210cm

ISPH 2002 ast 140x210cm

Catedral 2002 ast 140x210cm

Serie: A PINTURA DO UNIVERSO
Exposição no Espaço Cultural Citi SP 2008
Texto de apresentação de Jacob Klintowitz

Eu não sei se o pintor Takashi Fukushima é o mais brilhante dos nisseis que tivemos a sorte de ver nascer no Brasil. Mas tenho certeza de que em nenhum outro o sentimento profundo de identificação com a natureza é tão presente. Esta relação amorosa com a ordem natural é de tal maneira reveladora que podemos chamá-la de sacra. E a manifestação concreta desta relação, pois se trata de um artista que objetiva este sentimento, é um percurso pontuado por delicadas paisagens terrenas e cósmicas que nos permitem vivenciar a sutileza deste universo que é também a nossa casa.

Plnt J. 2008. ast. 100x100cm

Este binômio, estes dois vetores existenciais, determinam a obra de Takashi Fukushima: o seu profundo sentimento da natureza e a obrigação do ofício da arte. A sua obra é a celebração desta dupla fidelidade. Ele percebe a paisagem do planeta, as formas primitivas dos mais ínfimos habitantes, a música sideral das esferas e torna em conhecimento esta sensação ao codificá-la em formas estéticas numa pintura sem igual entre nós, feita de diáfanas relações cromáticas, organizada espacialmente com tal sabedoria que temos, numa linguagem inteiramente humana, a representação da época e de nosso lugar, o universo.

Plnt JH 2008. ast. 100x100cm

Certamente a sua é uma pintura que nos adverte para o insano relacionamento do homem com a natureza. Não há diferença entre a cidade e o campo, dicotomia clássica que a literatura, desde o século dezanove, tornou explícita. A destruição é comum à cidade e ao campo, pois o elemento desarmônico é o mesmo, o homem que se julga senhor do mundo. A sua conhecida série “Cidade e Campo” (1985), magnífica construção de contrastes formais, fixou esta realidade.

A constante presença da paisagem na sua pintura, da mesma altura do registro de Alberto da Veiga Guignard, nos conscientiza da beleza natural do mundo, vista pelo artista como a verificação do existente, como a lição da natureza colocada diante dos nossos olhos. Takashi Fukushima nos diz que é possível ver, e nos mostra uma maneira de ver, desde que o nosso olhar não esteja velado pela vaidade.

Na sua fase onde registra a existência de animais marítimos (1995), nas suas enoveladas organizações celulares, o artista valeu-se dos avanços da ciência e da peregrinação em busca do inventário do real. Ciente deste mundo, até então submerso, ele o tornou linguagem, em pinturas literalmente complexas e holísticas, onde cobriu o suporte de cores e novas formas, numa aventura similar a criação dos oceanos. O submerso emergiu como arte, neste caso, igualmente um comentário sobre o processo de criação artística. Takashi Fukushima deu concretude ao que habitava na profundidade.

Meteor. 2008. Ast 140x140cm

Atualmente, o assunto de sua arte é o universo. Da paisagem que estava diante do nosso olhar velado, aos pequenos seres submersos que a ciência nos presenteou, até o macro, este universo do qual sabemos por imagens especulares e cálculos matemáticos e nos quais, a referência terrena da linha do horizonte, desaparece. No universo não existe o acima e o abaixo, a linha do horizonte, mas uma relação de massas cujo paradigma é a totalidade. É este assunto, quase impossível para um pintor, que Takashi Fukushima enfrenta e tornou em sinfonia pictórica, ao organizar uma visualidade abrangente, deslocada do hábito convencional da leitura paulatina e progressiva. O artista procedeu como se, ao pintar, estivesse descobrindo um novo universo e aprendendo com ele um deslumbrante paradigma conceitual.

Plnt K 2008. ast. 100x120cm

Plnt Luz 2012 ast 100x120cm

Planet VII 2011 ast 140x180cm

Série: LUZ e SOMBRA**Não há Sombra sem a Luz****Exposição na AC Galeria de Arte SP 2012**

O vislumbre de uma obra de arte, muitas vezes, se dá mediante um flash de visão. O que é chamado de inspiração é cinco por cento de uma obra. O resto é transpiração e o difícil: transformar essa visão em objeto.

Há muitos anos li *El Elogio de la Sombra* de Junichiro Tanizaki desde então, fiquei interessado por algumas passagens deste ensaio que trata da luz e da sombra, referenciando-a, principalmente, na arquitetura e na arte japonesa.

As obras que apresento têm a inspiração no olhar de Tanizaki sobre a estética oriental, que, de alguma forma, me identifico, mas, inevitavelmente, se justapõe com o meu estar no mundo ocidental. (Takashi)

Sombras M. 2012 ast 140x140cm

Luz 2012 ast 140x140cm

Luz e Sombras . 2012 ast 140x140cm

Sombras Cor 2012. Ast 140x140cm

Luz Noite 2012 ast 60x180cm

Sombrs Chuva 2012 60x180cm

Sombra S 2012. Ast 60x180cm

Sombra K 2012 tm sp 70x100cm

Sombras H 2012 ast 140x140cm

Sombra C 2012. Ast 60x180cm

Sombra Chiva 2012. Ast 60x180cm

Reflexões/Desenhos

Neste trabalho enfatizei minha formação, como mencionado no Memorial e também citei na minha tese de Doutorado para a FAUUSP. Essa é a experiência que utilizo para ministrar minhas aulas, e tentar passar essa experiência aos professores com que divido essa tarefa. Mas esse treino do olhar deve ser compartilhado com o exercício que chamarei de **desenho físico, contrapondo ao desenho intenção**, como **chamei** os treinos práticos de atelier assim como **os desenhos que selecionei adiante**.

Alguns conceitos se estendem no campo da ciência como anota o físico Marcelo Gleiser em seu livro *Micro-Macro* : “...*A conclusão é simples: a reta, que não existe por não ter espessura, liga dois pontos que também não existem!*” Essa conclusão é apenas aparente; ao transformar uma idealização em realidade, somos necessariamente levados a comprometer a ‘pureza’ da idéia.

Sem Título 1991 aquarela s/canson 21x31cm

Sem título, 2005 aquarela sobre papel, 18 x 25 cm

Uma pesquisa sobre o ensino da arte é interminável e não tem conclusão. Durante uma ida a Paris, meu amigo Ernesto Tzirulnik viu o livro *Peut-on enseigner l'art?* (FABRICE, Douar) e, ensaios pela École Nationale Supérieure des Beaux-Arts estivessem no mesmo caminho de minhas inquietações. Na apresentação de um dos textos do livro, Alain Bonnet, Mestre de Conferências da Universidade de Nantes se utiliza um texto de Landowski que em 1943 escreveu: *"O valor estético não está mais na excelência da representação. Ela está nos jogos da novidade. A teoria atual de uma grande parte da crítica contemporânea pode ser resumida em dois conceitos: nenhum saber é indispensável à criação artística; a intuição é o fundamento principal do julgamento estético"*. Lembrando [desta](#) tese sobre ensino de desenho que eu estava pesquisando, trouxe-o para mim.

Sinais 2000 aquarela s/papel. 11x15cm

Sinais 2000 aquarela s/papel 11x25cm

Creio que o fundamental seja o interesse das duas partes: um professor entusiasta já é um bom começo, incentivo é fundamental, mas não basta se não houver interesse do aluno. Em todas as reuniões relativas ao curso de desenho e plástica da faculdade, discutimos sempre os novos programas do curso. Nos últimos vinte anos de magistério, alteramos mais de seis vezes os programas. Toda experiência é nova, creio que as modificações só trazer contribuições ao ensino. Temos que estar atento às reivindicações para sentirmos as necessidades dos alunos.

Movimento 1990. Aquarela s/canson 19x25cm

Sem Título 1991 grafite s/cansão 19x25cm

Instituto Biológico 2001 lapis de cor s/papel 21x30cm
Desenho executado junto aos alunos de Iniciação Científica

S/T 1991 aquarela s/papel 21x31cm

Currículo Artístico de TAKASHI FUKUSHIMA

Takashi Fukushima, nasceu em São Paulo, onde vive e trabalha. Seu primeiro contato com o circuito das artes ocorre quando foi selecionado para o expor no Salão Seibi, em 1969, em São Paulo.

Em 1970 participa do 4a. Jovem Arte Contemporânea – JAC realizada no museu de Arte Contemporânea da USP, São Paulo.

Em 1971 realiza sua primeira exposição individual na opus Galeria de Arte de São Paulo.

Em 1972 participa da Bienal Brasil Plástica 72, que lhe outorga o “Prêmio de Aquisição”, e das exposições: I Salão Bunkyo e mostra de Arte do Sesquicentenário em Porto Alegre. Em 1973 foi selecionado para a XII Bienal internacional de São Paulo, com uma instalação.

No 4o. salão Nacional de Belo Horizonte, realizado no museu da Pampulha em 1974 recebe o “Prêmio de Pintura” e no 9o Salão de Arte Contemporânea de Campinas o “Prêmio Aquisição Desenho Brasileiro”. Neste mesmo ano realiza sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro, na Real Galeria de Arte.

Em 1975 conclui o Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP. Recebe “Prêmio Aquisição” no 4o. Encontro Jundiaí de Arte e na XIII Bienal Internacional de São Paulo, o “Prêmio de Aquisição Sala Brasília”.

Durante o ano de 1976 reside e trabalha no Rio de Janeiro, onde participa da exposição Arte Agora I, realizada no Museu de Arte Moderna - MAM RJ e do Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna - MAM SP. Organiza também duas exposições individuais, em Brasília na Oscar Seraphico Galeria de Arte, e no Rio de Janeiro na Galeria Eucatexpo.

De 1974 a 1977 desenvolve inúmeros projetos como arquiteto até a sua transferência para o Canadá, onde em Montreal, expõe na Galerie Libre e em Toronto na InformAll Art Gallery.

No mesmo ano de 1977 realiza também no Brasil, duas individuais: em Cuiabá no Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso, e em São Paulo na Galeria Paulo Prado.

Em 1978, além de participar na Argentina da Mostra 15 Jovens Artistas Brasileiros no Museu de Arte Moderno de Buenos Aires, e de receber “Prêmio de Viagem” no I Salão Nacional MAM RJ, realiza exposição individual na Galeria Oscar Seraphico de Brasília.

No ano seguinte em 1979 é destaque no Panorama da Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna - MAM SP, participa do II Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna - MAM RJ, e realiza duas exposições individuais: uma, no Brasil na Galeria Projecta, São Paulo e outra no Canadá na Galerie Libre de Montreal.

Em 1980 recebe “Prêmio Aquisição” no II Salão Brasileiro de Arte MOA, Museu de Arte Moderna - MAM SP e expõe individualmente na Galeria Salamandra de Porto Alegre.

Participa de exposições individuais no Brasil, em 1981 na Galeria Paulo Prado de São Paulo e na Oscar Seraphico Galeria de Arte de Brasília; no Canadá na Galerie libre de Montreal, e no Japão no The National Museum of Art de Osaka da Contemporary Latin America & Japan.

Durante os anos 80 manteve o escritório de arquitetura VR Arquitetos Associados com o arquiteto Estevam Takiy. Em 1982 realiza a exposição individual "Shizen" na Galeria Bonfiglioli, São Paulo, e no ano seguinte, além da mostra individual na Galeria Paulo Prado, São Paulo, participa na Pinacoteca do Estado de São Paulo da coletiva Nipo Brasileiros e da 6ª Exposição Brasil/Japão - MOA em Tokyo, Kyoto e Atami. Em 1984 no Museu de Arte de São Paulo – MASP participa da exposição As Paredes Casa Vogue e na Galeria Pitanga AAA da individual Desenhos e Lithos.

Além dos painéis em vidro jateado projetados em 1985 para o Centro Empresarial Itaú de São Paulo, realiza exposições individuais: "Cidade e Campo" na Galeria Bonfiglioli de São Paulo e "Natureza Urbana" no Escritório de Arte da Bahia, em Salvador. Participa também no Museu de Arte Moderna de São Paulo da

exposição Destaques da Arte Contemporânea Brasileira e no Japão na Galeria da Embaixada do Brasil em Tokyo da mostra Gravura Contemporânea Brasileira.

As individuais "Jardim Sintético" I e II foram realizadas em 1986, em São Paulo na Galeria Toki Arte, no Recife na Galeria Artespaço e a exposição "Céus e Terras" no Rio de Janeiro na Galeria Realidade. Neste mesmo ano publica com Alice Ruiz, o livro "Nuvem Feliz".

Em 1987, em São Paulo idealiza a concepção visual da peça "Pássaro do Poente" do Grupo Ponkã, participa das exposições 13 Tapetes ocidentais, na Paulo Figueiredo Galeria de Arte, e do Panorama da Arte Atual Brasileira sobre Papel, no Museu de Arte Moderna – MAM SP que lhe outorga o “Prêmio Aquisição” e em Ottawa, Canadá, da mostra Gravura Brasileira na Front Gallery.

No ano seguinte, em 1988, pela cenografia de "Pássaros do Poente" recebe os prêmios: “APETESP - Mambembe/INACEN”; “Revelação APCA” e “Prêmio Molière 87”. Nesse mesmo ano participa, na China, da Exposição Arte Contemporânea Brasileira, no Museu Nacional, Beijing e da individual 'Das Naturezas' na Paulo Figueiredo Galeria de Arte.

Viaja a Paris, em 1989 para usufruir do “Prêmio Molière” onde realiza uma exposição individual no Espace Latino-Americain.

Em Londres está na mostra coletiva Contemporary Brazilian Lithographs - King's College, e em São Paulo, no Museu de Arte Moderna, do Panorama da Arte Atual Brasileira / Pintura.

Como bolsista da Fundação Japão, em 1990, pesquisa xilogravura na Universidade Nacional de Artes e Música de Tokyo e no Brasil, selecionado pelo Museu de Arte Moderna - MAM SP participa do Panorama de Arte Atual Brasileira / Arte sobre Papel. Nesse mesmo ano recebe o “Prêmio de Excelência de Design” da I Bienal Brasileira de Design de Curitiba.

Participa no ano seguinte, em 1991 no Japão da II Trienal Internacional de Osaka, e recebe “Menção Honrosa” no 6. Prêmio Museu da Casa Brasileira/ São Paulo. Nesta mesma cidade realiza exposição individual no Gabinete de Arte Raquel Arnaud.

A partir de 1992 ministra aulas de desenho no Curso de Arquitetura da Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Participa no Museu de Arte Moderna - MAM RJ da exposição EcoArte, e em São Paulo de uma exposição individual na Galeria Montesanti-Roesler e de uma coletiva na Pinacoteca do Estado de SP.

No Museu de Arte Brasileira da FAAP, em 1993, participa da exposição coletiva "Mares Navegados" e na Fundação Cultural Cassiano Ricardo de São José dos Campos de uma individual.

Em 1994, no Museu de Arte de São Paulo – MASP integra a mostra de xilogravura Do Cordel a Galeria e participa de exposições coletivas nas Galeria Múltipla de São Paulo, Artespaço de Recife e, nos Estados Unidos, em Illinois da Watercolors at Gallery 200.

Em São Paulo, em 1995, participa, da exposição Artistas Japoneses e Nipo Brasileiros Contemporâneos, no Museu de Arte Contemporânea – MAC/USP, em Miami, com Marco Riccioppo, de exposição na Britto Central, e no Japão no Tokushima Cultural Center da exposição Pintores Nipo Brasileiros, Niigata-ken Kaikan. Neste mesmo recebe convite para participar no Museu de Arte Moderna de São Paulo do Workshop Garner Tullis onde produz monotípias muito elogiadas na época por Garner Tullis, em seguida realiza exposição individual na Galeria Nara Roesler - São Paulo.

Em Brasília e Campinas, em 1996 participa da III Mostra Latino-Americana de Gravura e nos Museus de Arte de Gifu e Azabu Artcraft Museum, Tokyo e no Museu de Arte de São Paulo da exposição Pintores Nipo-Brasileiros. Na III Bienal Internacional de Arquitetura realizada em São Paulo, em 1997, apresenta a instalação FLORESTANACIDADE, e em Paranapiacaba integra o projeto Marco Zero, FAUUP-Pós.

No Canadá, em 1998, no Pavillion Alphonse Desjardins da Universidade Laval, Quebec participa da exposição Grabados e Gravuras.

Além da exposição individual "Tempos Flutuantes" realizada, em 1999, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, integra a coletiva de gravuras na Kupferstichkabinett der Akademie de Bildenden Künste Akademienhof, em

Viena. Neste mesmo ano participa da exposição Watercolors na Amcham Gallery em São Paulo e da mostra internacional Brasil-Japão, apresentada em Belo Horizonte no Palácio das Artes, em Brasília no Itamaraty, no Rio de Janeiro no Museu de Arte Moderna – MAM/RJ e em São Paulo no Museu de Arte de São Paulo - MASP e para o SESC Vila Mariana idealiza a cenografia da peça "Matsukaze".

No ano seguinte, em 2000, participa da exposição itinerante One Heart One World promovida pela NHK japonesa, nas cidades de Nova York, Paris, Sidney, Hanói, Tokyo e São Paulo, e na Pinacoteca do Estado da Mostra Almeida Jr. Revisitado. Nesse mesmo ano executa dois painéis de arte pública: o primeiro está instalado na Avenida Prestes Maia sob o Viaduto Santa Ifigênia, o segundo em vidro jateado, comemorativo dos 100 anos do Club Athletico Paulistano.

Em 2001, com a instalação "Jardim dos Sentidos" participa da exposição Bienal 50 Anos, organizada pela Fundação Bienal de São Paulo. Neste mesmo ano defende dissertação de mestrado na Faculdade de Arquitetura de Urbanismo – FAUUSP, tendo como tema a vida e a obra de Tíkashi Fukushima, publicada neste mesmo ano pela imprensa oficial – IMESP. Baseado nesta pesquisa organiza mostra em homenagem a seu pai na Pinacoteca do Estado, que recebe da Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA, o “Prêmio melhor Retrospectiva do Ano - 2001”.

Em São Paulo, em 2002, na Valu Oria Galeria de Arte realiza a exposição individual "Sinais do Tempo" e no Museu de Arte de Mococa participa de uma coletiva organizada por Issao Minami.

Na universidade Cidade de São Paulo – UNICID, em 2003 é destaque da exposição de Arte Nipo-Brasileira: Gerações. No ano seguinte, em 2004, realiza mostra no Kashima Furiai Center, Kashima, Japão.

Em 2005 recebe o título de Professor Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAUUSP com a tese “imagem de uma linguagem – Arte no Ensino de Arquitetura: Desenvolvimento da Percepção e do Apreender através das imagens” e idealiza um novo painel em VT para o Club Athletico Paulistano.

Em 2006 inicia a atividade didática no grupo de PV da FAUUSP.

No Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP participa da exposição coletiva Clube da Gravura e no SESC Fábrica Pompéia da mostra "Alma de Artista".

Em 2007 tem sua obra editada no Volume 19 da Coleção Artistas da USP

Em 2007 tem sua obra representada na Exposição no Itau Contemporâneo /Arte no Brasil 1981-2006 no instituto Cultural Itau.

Em 2008 tem suas obras premiadas, apresentadas no Panorama dos Panoramas do MAM, e expõe em diversas exposições em comemoração ao Centenário da imigração Japonesa nas mostras: Laços do Olhar no instituto Tomie Ohtake

Arte.Brasil-Japao. Moderno e Atual, MAC usP

Nipo-Brasileiros no acervo da Pinacoteca do Estado de SP.

No mês de maio tem a individual “Paisagem do Universo” com curadoria de Jacob Klintowitz, no Espaço Cultural Citi, SP.

Em Novembro se apresenta na JiCA- Japan International Cooperation Agency, em Yokohama, na exibição TIME- The Exhibition of Contemporary Art.

2009 participa da exposição Abraços na Arte no Museu Rodin em Salvador, BA.

Em 2012 participa da exposição 1911-2011 - Arte Brasileira e Depois, na Coleção Itau, sob curadoria de Teixeira Coelho curador do MASP, exibida no Instituto Cultural Itau em SP no Palácio das Artes em Belo Horizonte/MG, no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba e no Paço Imperial no Rio de Janeiro/RJ.

Em Miami participa da ArteAmericas 2012, com a mostra West Encounter East, com a curadoria da historiadora Stella Holmes.

Participa das exposições coletivas: “Olhares Obliquos”03/2012. e “Marcas do Tempo” 08/2012 na Galeria Deco, SP. No mesmo ano tem a exposição individual “Luz e Sombra” na AC Galeria de Arte em São Paulo.

Em 2014 participa das exposições coletivas: “ Ukiyo-e....”, na Galeria Deco, SP. 02/2014 e “O que os Olhos não vêem, o Coração não Sente”, Museu Afro, SP.

03/2014 e em Agosto na Verve Galeria em S.Paulo a mostra Interloquções Entre Prática e Docência.

Em 2015 participa da Exposição “A Pintura Sobrevivente” no Museu Belas Artes do Centro Universitario Belas Artes de S.Paulo.

Em 2018 expõe na Mostra em Comemoração aos 110 Anos da Imigração Japonesa, no Consulado Geral do Japão em S.Paulo.

Bibliografia

1. ALBERS, Josef . **Interaction of color**, New Haven: Yale University. 1963
2. ARGAN, Gian Carlo. **Clássico Anticlássico**. S.Paulo: Companhia das Letras. 1999
3. ARGAN, Gian Carlo. **Arte Moderna**. S.Paulo: Companhia das Letras. 1991
4. ARNASON, H. K, **A History of Modern Art**. .Londres: Tames & Hudson, 1979.
5. BARDI, Pietro Maria. **Historia da Arte Brasileira**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1977.
6. BARTHES, Roland. **O rumor da língua**, SPaulo: Ed. Brasiliense. 1988
7. BLISS, Douglas Percy. **A History of Wood Engraving**. Londres: M. Dent Ed., 1928.
8. BLUM, André. **Les Origines du Papier, de l’Imprimerie et de la Gravure**. Ed. de la Tournele, Paris, 1935~*British Museum Guide*. British Mus. Publ. Ltd., Londres, 1978.
9. BUCHSBAUM, Ann. **Practical Guide to Print Collecting**. Van Nostrand Reinhold Company, NY .1975.
10. CAMPBELL, Joseph. **O Podre do Mito**. SP: Editora Palas Athena, 1990.
11. CASTLEMAN, Riva. **Prints of the Twentieth Century: A History**. London: Thames and Hudson Ltd., 1976.
12. CHARBONNIER, G. **Arte Linguagem, Etnologia-Entrevistas com Claude Levi-Strauss**. Ed. Papirus. Campinas,
13. COHN, GABRIEL. **Comunicação e Industria Cultural**. .Ed.Nacional / EDUSP. 1971.

14. COSTA, Carlos R.Zibel, orient. Marlene Picarelli. **Habitação Guarani, tradição construtiva e mitologia.** Tese(D) FAUUSP, 1989.
15. CRICHTON, Michael. **Jasper Johns.** Japanese edition with a text by Yoshiaki Tono.
16. The book was organized by the Whitney Museum of American Art, and Harry N. Abrams, Inc., New York. Japanese edition by the Seibu Museum of Art, Tokyo. 1977.
17. DIDOT, Ambroise Pirmin. **Essai Typographique Et Bibliographique Sur l'Histoire De la Gravure Sur Bois.** Paris, 1863.
18. DWORECKI, Silvio, orient..Lucrecia D'Alessio Ferrara. **Do olho à mão: Um método de ensino das artes figurativas.** Tese(D)FAUUSP, 1994.
19. DUBE, Wolf-Dieter. **O Expressionismo.**São Paulo: Ed. Verbo; EDUSP, 1976.
20. ECO, Humberto. **A estrutura ausente.** S.Paulo. EDUSP. 1967
21. ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados.** SP: Editora Perspectiva.1970.
22. ELDERFIELD, John. **Henry Matisse: A Retrospective,**NY.: MOMA. 1992.
23. *Exposição Ukiyo-e. As 53 Vilas da Estrada Tokaido — xilogravuras de Hiroshigue.* Fundação Mokiti Okada, M.O.A. do Brasil.S/D.
24. FABRICE, Douar. Org. **Peut on Enseigner L'Art.**Paris: Ed. Louvre, 2004.
25. FERRAZ, Geraldo. **Livio A bramo.** São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1955.
26. **Gendai Hanga: Contemporary japanese Prints (Artist, Technique, and Collection).** In Japanese. Tokyo: Kodansha, 1979.
27. GLEISER, Marcelo. **Micro Macro- Reflexões sobre o Homem, o Tempo, e o Espaço.** S.P: Editora Publifolha, 2004.
28. GOMBRICH, E. H. **A História do Arte.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.
29. GOMBRICH, E. H. **Art & Ilusion.** London,: Phaidon Press, 1977.
30. GOMES Filho, João. **Gestalt do Objeto.** São Paulo: Escrituras Ed.2000
31. HALL, Edward. **A Dimensão Oculta.** São Paulo: Ed. Martins Fontes,(66) 2005
32. Hockney, David. **Hockney by Hockney,** London: Thames and Hudson. 1976.
33. Hockney, David. **Conhecimento Secreto.** São Paulo: Cosac-Naify. 2002.

34. JANSON, H. W. **História da Arte, panorama das Artes Plásticas e da Arquitetura da pré-história a Atualidade**. Lisboa: Ed. Fundação C. Gulbenkian, 1979.
35. Japan Print Association. **Annual print show catalogues**. In Japanese. Tokyo: by the Nihon Hanga Kyokai [Japan Print Association]. 1976
36. **Japan Style**, catalogue of an exhibition organized by the Victoria and Albert Museum and the Japan Foundation. Art direction by Ikko Tanaka. Tokyo: Kodansha International Ltd., and London. 1976.
37. KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. SP: Martins Fontes. 2000.
38. KAWAKITA, Michiaki. **Modern Currents in Japanese Art**. The Heibonsha Survey of Japanese Art, Vol. 24. New York: John Weatherhill, Inc / Tokyo: Heibonsha, 1974.
39. KEPES, Gyorgy. **Language of vision**, Chicago: Paul Teobald, 1951
40. KLEE, Paul. **The thinking eye**, London: Percy Lund Unphies. 1961
41. KLEE, Paul. **Teoria Della Forma E Della Figuratione**, vol I e vol II, Ed. Jurg. 1978
42. KLINTOWITZ, Jacob. **Diáfanos Paisagens**. S. Paulo: Instituto Olga Kos. 2017
43. LEITE, José Roberto Teixeira. **A Gravura Brasileira Contemporânea**. R.J: Ed. Artes Gráf. Gomes de Souza, 1965.
44. LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus Acolhem Moderno**. Tese(D) SP: FAUUSP, 1999
45. LUYTEN, Joseph M. **A Ilustração no Literatura de Cordel**. in Revista Comunicações e Artes 8/79, SP: ECA/USP, 1979.
46. MARTINS, Sergio R, orient. Lucrecia D'Alessio Ferrara. **A invenção do humor no espaço gráfico**. Tese(D) S.P: FAUUSP, 1993.
47. MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac-Naify. 2004.
48. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sourbonne**. Campinas: Papirus, 1990.
49. MINAMI, Issao. **Identidade Visual: Elementos de Expressão Gráfica**. SP: FAUUSP, 1989.
50. MINAMI, Issao, orient. Lauro Bastos Birkholz. **Vila Martin Smith, no Alto da Serra em SP**. Um exemplo típico de "Model Company Town". Tese(D) FAUUSP, 1994.

51. MITHEN, Steven. **A Pré-história da Mente**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998
52. MOLINA, Juan José Gómez. **Las Leciones del Dibujo**. Madri: Ed. Catedra, 2003.
53. MONZÉGLIO, Elide. Interpretação do significado do Módulo-Cor e sua aplicação no programa de mensagens visuais. S.Paulo, FAUUSP (tese de doutorado), 1972.
54. MONZÉGLIO, Élide. **Percepção Visual - Apontamentos**. São Paulo: EDUSP, 1978.
55. MORIN, Edgar. **Os Meus Demônios**. Apartado, Portugal: PL.Europa-America, 1995.
56. MOTTA, Flavio L. Textos Informes. S.Paulo: FAUUSP, 1972.
57. MULLER, José Emile. **O Fauvismo**. São Paulo: Ed. Verbo/Edusp, 1976.
58. MURAI, Masanari. Tokyo: Bijutsu Shuppansha, 1974.
59. NICOLAIDES, Kimon. **The Natural Way to Draw**. Boston: Houghton Mifflin Co. 1969.
60. PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1969.
61. PEVSNER, Nikolaus. **Pioneiros do Desenho Moderno**. SP: Ed. Ulisseia, 1948.
62. READ, Herbert. **História da Pintura Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, , 1980.
63. READ, Herbert. **Icon and Idea**. Cambridge, MA: Harvard University Press, , 1955
64. RYKWERT, Joseph. **A Sedução do Lugar**. S.Paulo: Martins Fontes
65. SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**. S.Paulo: Ed. Cia das Letras, 1998.
66. SANTAELLA, Lucia. **Imagem – Cognição, semiótica, mídia**. SP: Iluminuras,
67. SOGABE, Milton, orient. M.L. Santaella Braga. **Imagem y Material**. Tese (D) SP: PUC, 1990
68. SPINELLI, João J. **Criatividade- Uma busca interdisciplinar**. SP: Unesp, 2000
69. SPINELLI, João J. **Artistas da USP 19**. S.Paulo. EDUSP, 2007
70. WOLFE, Tom. **A Palavra Pintada**. S.P: Editora LPM, 1987
71. WONG, Wucius. **Princípios de Forma e de Desenho**. S.Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

Textos Complementares e **Catálogos anexos**

1. ARAUJO, Emanuel. Tempos Flutuantes. S.Paulo: Pinacoteca de SP, 1999
2. BARCAT, George. Sinais do Tempo. S.Paulo: Valu Oria Galeria de Arte, 2002
3. MORAIS, Frederico. Hydroides. S.Paulo: Galeria Nara Roesler. 1995
4. Motta Flávio L. **Subsídios para Relatório sobre Ensino de Arquitetura**
UIA - UNESCO 1974
5. Motta Flávio L. **Trecho do Texto Informe 'A Família Artística Paulista'**

Takashi Hokusima

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

Julho, 2019